



GT 47. Extensão Universitária: desafios e propostas para a ação e formação em antropologia

Coordenador(es):

Luciana de Oliveira Chianca (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Luciana Gonçalves de Carvalho (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará)

Sessão 1 - EXTENSÃO COMO ESPAÇO DE ATUAÇÃO DE DOCENTES E DISCENTES DE ANTROPOLOGIA

Debatedor/a: Regina Célia Reyes Novaes (UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - EXPERIÊNCIAS EXTENSIONISTAS E COCRIAÇÃO

Debatedor/a: Miriam Pillar Grossi (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Embora a construção reflexiva e dialógica seja reiteradamente incentivada pela pesquisa de inspiração participante, as ações de extensão restam subvalorizadas na formação de antropólogos(as), fundamentada por concepções que rejeitam formas “aplicadas” da disciplina e por critérios avaliativos da nossa cultura acadêmica, que privilegia a pesquisa e considera a extensão como “a prima pobre” da universidade. Considerando que saberes acadêmicos, científicos ou humanísticos pressupõem uma fusão de horizontes com saberes populares e locais, não podemos nos furtar este debate, recentemente potencializado por diretrizes legais exigindo a incorporação e ampliação da extensão nas matrizes curriculares dos cursos de graduação no Brasil. Fomentando tal discussão, o GT reunirá trabalhos que abordem a indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão na formação acadêmica e na constituição de saberes decorrentes de experiências de extensão com professores e estudantes de antropologia. Focaremos aspectos conceituais, metodológicos, políticos, relacionais e pedagógicos da extensão universitária em diferentes contextos da nossa atuação (educação, arte, saúde, meio ambiente, patrimônio cultural, igualdade racial, direitos humanos, desenvolvimento local...), problematizando as condições objetivas e subjetivas das ações e mediações antropológicas de caráter extensionista junto a diferentes grupos sociais, reforçando uma concepção crítica do conhecimento e da form(ação) continuada das Universidades.

Cineclubismo, debates socioambientais e olhares antropológicos: a experiência do Cineclube Socioambiental Campos

Autoria: Maria Gabriela Scotto (UFF - Universidade Federal Fluminense)

O Cineclube SocioAmbiental Campos (CiSAC) começou suas atividades em 2011 como projeto de extensão vinculado à área de antropologia do Departamento de Cs. Sociais da UFF Campos (RJ). As reflexões apresentadas neste work são resultado da reflexão, como antropóloga, pesquisadora e professora, sobre a experiência do CiSAC acumulada ao longo destes nove anos de funcionamento. Postulamos que uma das principais contribuições do CiSAC consiste, não apenas em estimular um olhar crítico sobre as temáticas debatidas junto ao público participante das sessões mas também, e principalmente, a de ser capaz de desenvolver um olhar antropológico crítico sobre as relações natureza(s) / cultura(s) junto aos alunos e alunas do curso de ciências sociais que participam ativamente como membros da equipe organizadora do CiSAC. O CiSAC tem como objetivo principal o de problematizar junto à sociedade, através da exibição e análise crítica de filmes e documentários, temáticas que abordam os impactos sociais e ambientais negativos do atual modelo de desenvolvimento como, por exemplo, os causados pelos 'grandes projetos de infraestrutura', assim como por outras atividades econômicas associadas à ?promoção do desenvolvimento?. Pretende-se, através desta iniciativa, contribuir, desde uma perspectiva antropológica, para a compreensão



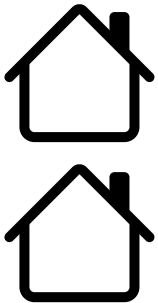
da forma desigual e injusta em que se distribuem as 'externalidades' ambientais, atingindo aos grupos mais vulneráveis social e ambientalmente. Para atingir esse objetivo, recorreremos ao formato 'cineclube' concebido como um espaço político e educacional que estimula a reflexão e o debate; desenvolve a formação de um olhar sensível às diversas e múltiplas relações das sociedades com a(s) natureza(s) em volta. Cabe destacar que as ciências sociais, e em particular a antropologia, com uma importante tradição de 'estranhamento' de práticas culturais diversas, e de recuperação da perspectiva e da visão dos próprios sujeitos envolvidos nas dinâmicas sociais estudadas, é uma 'arma' privilegiada para contribuir para esse debate. Principalmente para o que tange às relações natureza-cultura/sociedade. Também o é a visibilização dos conflitos socioambientais que, no que mobilizam grupos e populações locais 'atingidas', permitem evidenciar o lado injusto, social e ambientalmente, do desenvolvimento. As conclusões sobre os resultados desta experiência na formação de um olhar antropológico problematizador das relações natureza(s) / cultura (s) junto aos alunos e alunas do curso de Cs. Sociais estão baseadas na auto-reflexividade sobre a experiência, em etnografias das sessões do CiSAC, na análise das fichas de avaliação preenchidas pelo público após as sessões, e em entrevistas abertas com alunos de Cs. Sociais integrantes da equipe cineclubista.



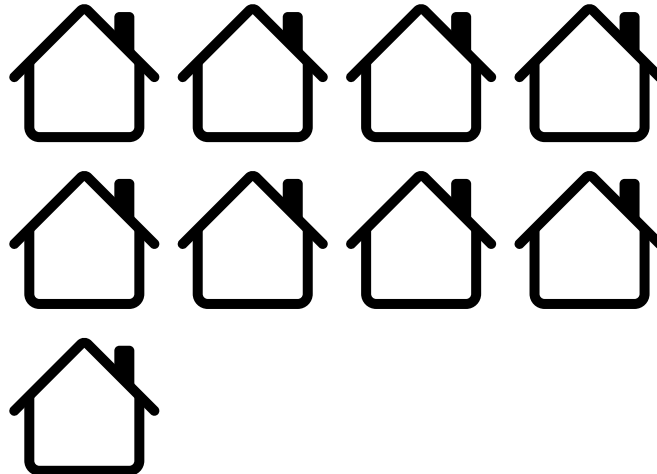
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: